

COMU
NICA
ÇÃO
E CULTURA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lidório, Ronaldo

Comunicação e cultura: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural/Ronaldo Lidório. – São Paulo: Vida Nova, 2014.

352 p.

Bibliografia.

ISBN 978-85-275-0583-3

1. Etnologia 2. Missões — Teoria 3. Cultura 4. Comunicação I. Título.

14-0343

CDD 215.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Religião – Etnologia

RONALDO LIDÓRIO

COMU
NICA
ÇÃO
E CULTURA

A Antropologia aplicada
ao desenvolvimento de
ideias e ações missionárias
no contexto transcultural

Copyright ©2014 Edições Vida Nova

1.ª edição: 2014

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br | e-mail: vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos,
xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0583-3

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

SUPERVISÃO EDITORIAL
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

EDIÇÃO DE TEXTO
Rosa Maria Ferreira

COPIDESQUE
Tatiane Souza

REVISÃO DE PROVAS
Fernando Mauro S. Pires

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO GRÁFICA
Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO
Luciana Di Iorio

CAPA
Souto Crescimento de Marca

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da
versão Almeida Século 21, publicada com todos os direitos reservados
por Edições Vida Nova.

Dedico este livro a missionários, estudiosos e pesquisadores que empenham a vida na compreensão do outro e na construção de uma comunicação aproximadora no encontro de culturas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Criador da comunicação e da cultura.
À minha esposa, Rossana, com a qual tenho o privilégio e a alegria de caminhar cada dia.

Aos mestres Barbara Burns, Francis Popovich, Isabel Murphy e Rinaldo de Mattos, pioneiros da Antropologia aplicada às ações missionárias no Brasil.

Aos companheiros Cácio Silva, Carlos Carvalho, Cassiano Luz, Flávio Veras, Gedeon Lidório, Gedson Lidório, Kézia Lidório e Marcelo Carvalho, que atenciosamente contribuíram com preciosas sugestões. A Rosa M. Ferreira, que bondosamente revisou o texto.

A um amplo número de missionários, amigos e pesquisadores que abençoaram este projeto com suas considerações, seu conhecimento e sua experiência sobre comunicação e cultura.

SUMÁRIO

Introdução	13
------------------	----

PARTE 1 — CONCEITOS E TEORIAS

1. Pressupostos teológicos	19
Perigos essenciais	19
Pressupostos teológicos quanto à contextualização	22
Avaliando a comunicação do evangelho	23
2. O processo da comunicação	27
3. Conceituando a Antropologia, a cultura e o homem.....	31
Teorias antropológicas.....	31
A Antropologia	34
A cultura	37
O homem.....	38
4. Conceituando a Antropologia missionária	41
5. Métodos de pesquisa sociocultural.....	45
Observação participante.....	47
Sistema adaptativo e teorias idealistas	48
Sistema simbólico	49
6. Padrões de interpretação — ético, êmico e êmico-teológico.....	51
Padrão ético.....	52
Padrão êmico.....	53
Padrão êmico-teológico.....	56
O processo cultural de mudança	58

7. Fenomenologia da religião	61
As limitações da Sociologia da religião	62
Considerações sobre a Fenomenologia da religião	64
Aplicando a Fenomenologia da religião na análise dos fatos sociais e religiosos.....	65
8. Magia e totemismo	69
Magia.....	69
Totemismo	79
9. Mitos e ritos.....	87
Mitos.....	87
Ritos.....	91

PARTE 2 — ANÁLISE CULTURAL

10. Roteiro de pesquisa sociocultural — Antropos	97
Antropos e Pneumatos — questionário direcionador	
Roteiro de pesquisa de identidade sociocultural.....	99
Dimensão histórica	99
<i>Historicidade cultural — à procura da Persona Alfa</i>	100
<i>Origem universal — à procura do Ponto Alfa</i>	102
Dimensão ética	106
<i>Culturalidade — em busca das heranças que determinam o pensamento</i>	107
Reguladores sociais	117
Dimensão étnica	122
<i>Progressistas ou tradicionais</i>	123
<i>Existenciais ou históricas</i>	125
<i>Teófanos ou naturalistas</i>	126
<i>Culpa ou vergonha</i>	127
<i>Linguística antropológica</i>	128
Dimensão fenomenológica.....	130
<i>Elementos fenomenológicos gerais</i>	133
11. Roteiro de pesquisa sociocultural — Pneumatos.....	137
Abordagem de categorização dos fenômenos religiosos	137
Quatro padrões de observação dos fenômenos religiosos	137
<i>A observação analítica</i>	138
<i>A observação axiomática</i>	139
<i>A observação correlativa</i>	139
<i>A observação explicativa</i>	139
Definindo as áreas.....	140

<i>Atos da vida</i>	141
<i>Atos da providência</i>	147
<i>Atos de adoração e reverência</i>	150
Funcionalidade humana na organização religiosa.....	151
Funcionalidade dos seres invisíveis na organização religiosa	155
12. Roteiro de pesquisa sociocultural — Angelos	161
Orientação geral.....	162
<i>Mantotiib</i> — um estudo de caso	167
Informação, interpretação e associação.....	170
Conclusões simples	172
Conclusões complexas.....	177
<i>Teologia X (ou teologia de abordagem) para a comunicação do evangelho</i>	181
Conclusões aplicadas.....	185
<i>Exercício — grupo X</i>	186
<i>Estudo de caso — Chakali</i>	188
Teologias bíblicas temáticas	189
13. Projeto de comunicação inicial do evangelho aos Xakari	193
Apresentação.....	193
Alvos para os próximos passos	194
Revelação bíblica e cosmovisão Xakari.....	194
Os 10 principais “códigos” da cultura Xakari.....	196
Teologias bíblicas temáticas de abordagem	198
Conclusão.....	213
Apêndice 1: Roteiro de pesquisa de identidade sociocultural	215
Apêndice 2: <i>Dialektos</i> — método de aquisição de língua	239
Apêndice 3: <i>Urbanos</i> — pesquisa sociocultural.....	301
Apêndice 4: Nomes e atributos associados ao divino em sociedades do Noroeste Africano.....	311
Apêndice 5: Chomsky, Lévi-Strauss e Mauss.....	315
Apêndice 6: Comparando a cosmovisão animista com a cultura ocidental — teísmo <i>versus</i> animismo.....	319
Apêndice 7: Estudos de caso	323
Apêndice 8: Tabelas.....	329
Apêndice 9: Esboço de um estudo etnográfico.....	343
Bibliografia.....	347

INTRODUÇÃO

A comunicação transcultural é um tema formado por dois campos principais: comunicação e cultura. Esses campos são, por natureza, inseparáveis, complementares e essenciais para todos os que transitam por qualquer ambiente intercultural.

Meu objetivo neste livro é introduzir o leitor à fundamentação conceitual da Antropologia aplicada às ações missionárias — chamada de Antropologia missionária¹ — e também apresentar um roteiro prático de pesquisa sociocultural de campo.

Quando Hesselgrave (1984) afirma que contextualizar é tentar comunicar a mensagem, o trabalho, a Palavra e o desejo de Deus de forma fiel à sua revelação, de maneira significante e aplicável nos diferentes contextos, culturais ou existenciais, ele expõe um desafio à Igreja de Cristo: comunicar o evangelho de forma teologicamente fiel e, ao mesmo tempo, humanamente inteligível e relevante. Esse talvez seja o maior desafio de estudo e compreensão quando tratamos da evangelização em contexto intercultural.

A Antropologia provê ferramentas para a análise de culturas e a construção de pontes comunicacionais em um contexto intercultural. Usaremos essas ferramentas para propor formas de compreender o outro, de se adaptar a um contexto distinto e de desenvolver projetos que envolvam a comunicação em outra cultura.

Durante os anos que moramos com o grupo Konkomba-Bimonkpeln de uma área remota ao nordeste de Gana, África ocidental (1993 a 2001), fomos tomados

¹V. Ronaldo Lidório, *Introdução à Antropologia missionária*, São Paulo: Vida Nova, 2011.

pela percepção do profundo valor da comunicação como elemento facilitador da convivência e das ações, bem como da complexidade da busca por uma comunicação que seja ao mesmo tempo inteligível, ética e aproximadora. Observamos que, em um encontro de culturas, os personagens estarão sempre em um contexto de fricção social e desequilíbrio comunicacional. Assim também, compreendemos que o equilíbrio na comunicação intercultural não é construído por apenas uma linha do saber, mas pelo diálogo interdisciplinar entre a Antropologia, a Linguística, a Psicologia e outras áreas.

Minha intenção neste trabalho é apresentar uma metodologia viável e compreensível — tanto para acadêmicos quanto para leigos — de análise cultural que promova uma comunicação efetiva.

O livro está dividido em duas partes. A primeira é teórica e conceitual. Nela estudaremos nela os conceitos comunicacionais e culturais que nos ajudarão a fundamentar e desenvolver as práticas de análise, compreensão e interação com o outro em sua própria cultura. Entendo que esse fundamento mais conceitual e teórico é vital para estendermos nossos horizontes de compreensão e pesquisa. Início com alguns pressupostos teológicos que são essenciais para as aplicações missionárias propostas mais à frente.

Na segunda parte, apresentarei uma metodologia aplicável e prática para análise cultural e projetos de comunicação, incluindo a comunicação do evangelho em um contexto transcultural. Distribuí o questionário direcionador de pesquisa sociocultural ao longo dos capítulos, textos e tabelas, a fim de facilitar seu uso. A metodologia proposta chama-se “Método Antropos de pesquisa sociocultural”.

Desenvolvi esse método a partir da proposta de observação e análise cultural que considera quatro dimensões distintas e complementares: histórica, ética, étnica e fenomenológica. Apesar de essa metodologia inicial se mostrar relevante e útil, tal abordagem omitia capítulos importantes no estudo de uma cultura, além de não contemplar um tratamento mais detalhado de certas áreas da Fenomenologia da religião, como o totemismo, a magia, os ritos e os mitos. Por fim, seria necessário também desenvolver mais a aplicação dos processos de comunicação e evangelização a partir das hipóteses e conclusões culturais. Dessa forma, em 1996 ministrei a primeira capacitação antropológica com base na presente metodologia.

Esse método foi desenvolvido no período em que moramos com o grupo Konkomba-Bimonkpeln, no nordeste de Gana e, desde então, mais de dois mil missionários já passaram pelos nossos treinamentos, usando a metodologia em cerca de duas centenas de pesquisas culturais em dezenas de países.

A principal motivação dessa pesquisa comunicacional para o desenvolvimento do método de análise cultural foi minha própria frustração ao chegar em um contexto culturalmente distinto sem ferramentas adequadas e práticas para, a partir da observação e interação, compreender melhor o outro e me comunicar melhor com aqueles com quem estava convivendo.

Essa frustração advinha de duas circunstâncias em minha experiência pessoal. A primeira era a ausência de uma formação antropológica adequada. Entendo que o tripé da formação missionária contempla a Teologia, a Linguística e a Antropologia. Porém, normalmente, o pé mais fraco na formação missionária é a Antropologia. Não raro missionários são expostos a um estudo mais breve dessa ciência, com foco apenas nas distinções entre culturas, e não na análise cultural. A segunda circunstância era a falta de conciliação entre a Antropologia e a Missiologia. Ou seja, após analisar elementos da cultura, eu não sabia o que fazer com esse conhecimento em meu trabalho missionário. O fato de compreender que os Konkomba-Bimonkpeln são clânicos, patriarcais e polígamos, por exemplo, teria qual efeito em minhas ações missionárias e esforços comunicacionais? Faltava uma ponte entre o conhecimento adquirido em uma análise cultural e a comunicação nas ações missionárias.

Participo de uma consultoria missiológica que se viu diante da questão do sincretismo mágico na comunicação do evangelho entre um povo, o qual chamarei de Zweti. Trata-se de um grupo africano animista,² centrado na manipulação de elementos naturais (magia) e formado por diversos clãs, todos totêmicos. A equipe missionária, à procura da terminologia e do exemplo cultural para o elemento “perdão”, compreendeu que ele estava ligado à prática do *Batik* — quando um pano sujo era lavado em água corrente por representantes do grupo, levando-os a concluir que seus atos impuros estavam esquecidos e, portanto, perdoados. Era uma prática tradicional e realizada de maneira formal. Durante algum tempo, ela foi amplamente utilizada pela equipe missionária para expor o conceito de perdão na apresentação do evangelho. Percebeu-se mais tarde, porém, que essa cerimônia (*Batik*) era realizada apenas por um clã naquele grupo. E tratava-se de um clã endogâmico, ou seja, no qual o casamento ocorria apenas entre seus membros. Os outros clãs, exogâmicos, interpretaram que aquela mensagem não era direcionada a eles e se definiram (na compreensão da ideia de perdão que lhes foi apresentada) na categoria de *imperdoáveis*. Observando o fato, percebemos que faltou, nesse

²Utilizo aqui a perspectiva de Tylor em sua obra *Primitive Culture*, publicada em 1871.

caso, apenas uma breve etnografia e estudo fenomenológico, que poderiam facilmente evitar o comprometimento da mensagem na comunicação do evangelho.

Destaco cinco objetivos específicos neste livro:

1. Expor as teorias e os conceitos antropológicos fundamentais dos assuntos ligados à comunicação e à cultura.
2. Apresentar uma metodologia viável e prática de análise sociocultural que promova a comunicação e oriente as estratégias evangelizadoras.
3. Destacar a Antropologia e sua relevância no contexto missionário.
4. Interligar os estudos etnográfico, etnológico e fenomenológico como mecanismos de pesquisa sociocultural.
5. Capacitar pessoas-chave para reproduzir o conteúdo aqui proposto em suas áreas de atuação, linhas de pesquisa, cursos preparatórios e empoderamento de equipes de campo.

Meu sincero desejo, portanto, é contribuir para que pesquisadores e missionários tenham em mãos uma ferramenta útil para a busca do conhecimento cultural e de uma comunicação fiel, inteligível, aplicável, ética e aproximadora do evangelho.

PARTE 1

CONCEITOS

E TEORIAS

capítulo 1

PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS

Gostaria de pontuar alguns pressupostos teológicos necessários ao desenvolvimento e à aplicabilidade de nossa pesquisa com fins missionários.

Historicamente, a ausência de uma comunicação viável, inteligível e aplicável do evangelho em outra cultura ou segmento social tem gerado duas consequências desastrosas no movimento missionário mundial: o sincretismo religioso e o nominalismo evangélico. Observemos alguns perigos essenciais que enfrentamos na comunicação intercultural do evangelho.

PERIGOS ESSENCIAIS

O primeiro perigo, que é *impositivo*, tem sua origem na natural tendência humana de aplicar a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta realizada em grande escala pelos movimentos imperialistas do passado e do presente, bem como por forças missionárias que entenderam o significado do evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão, cultura e língua. Dessa forma, as torres altas dos templos, a cor da toalha da ceia, a altura certa do púlpito e as expressões faciais de reverência tornam-se muito mais do que peculiaridades de um povo e de uma época: elas se misturam ao essencial do evangelho na transmissão de uma mensagem que não se propõe a resgatar o coração do homem, mas a moldá-lo em uma teia de elementos impostos e culturalmente definidos apenas para o comunicador da mensagem, ainda que totalmente divorciados de significado para aqueles que a recebem.

Várias são as consequências de uma exposição impositiva do evangelho. Em um primeiro momento, o mais comum é encontrarmos o nominalismo e, por fim, o sincretismo quase irreversível. David Bosch (1983) afirma que o valor do evangelho, em razão de proclamá-lo, está totalmente associado à compreensão cultural do povo receptor. O contrário seria apenas um emaranhado de palavras que não produziriam qualquer sentido sociocultural. Não há como pregarmos um evangelho *acultural*, pois o alvo de Cristo ao se revelar na Palavra foi atingir pessoas vestidas com sua identidade humana. A perigosa apresentação política a que nos referimos, portanto, confunde o evangelho com a roupagem cultural daquele que o expõe, deixando de apresentar Cristo e propondo apenas uma religiosidade vazia e sem significado para o povo que a recebe. Devido à abordagem missionária impositiva, frequentemente encontramos templos de cimento para culturas de barro, pianos de cauda para povos de tambores, terno e gravata para os que usam túnica e turbante, sermões lineares para pensamentos cíclicos, sapatos engraxados para pés descalços. Tão ocupados em exportar nossa cultura, nós nos esquecemos de apresentar-lhes Jesus, Deus encarnado, totalmente contextualizado, luz do mundo, de forma que ouçam e entendam.

Um segundo perigo, que é *pragmático*, pode ser visto quando assumimos uma abordagem puramente prática na contextualização. Como a contextualização é um assunto frequentemente associado à metodologia e ao processo de campo, somos levados a entendê-la e avaliá-la baseados mais nos resultados do que em seus fundamentos teológicos. Consequentemente, o que é bíblico e teologicamente evidente torna-se menos importante do que aquilo que é funcional e pragmaticamente efetivo. Estou, porém, convencido de que todas as decisões missiológicas devem estar enraizadas em uma boa fundamentação bíblico-teológica se desejarmos ser coerentes com a expressão do mandamento de Deus (At 2.42-47). Entre as iniciativas missionárias mais contextualizadas com o povo receptor, encontramos um número expressivo de movimentos heréticos, como a Igreja do Espírito Santo em Gana, África, na qual seu fundador se autoproclama a encarnação do Espírito Santo de Deus. Do ponto de vista puramente pragmático, porém, é uma igreja que contextualiza sua mensagem, sendo sensível às nuances de uma cultura matriarcal, tradicional, encarnacionista e mística. Devemos lembrar que nem tudo o que é funcional é bíblico. O pragmatismo nos leva a valorizar mais a metodologia da contextualização do que o conteúdo a ser contextualizado. A apresentação pragmática do evangelho, portanto, privilegia apenas a comunicação com seus devidos resultados e esquece de se ater ao conteúdo da mensagem comunicada.

Um terceiro perigo, que considero *sociológico*, é aceitar a contextualização como sendo nada mais do que uma cadeia de soluções para as necessidades humanas — uma abordagem puramente humanista. Essa deve ser a nossa crescente preocupação por vivermos em um contexto pós-cristão, pós-moderno e hedônico. Isso ocorre quando missionários tomam decisões baseadas puramente na avaliação e na interpretação sociológica das necessidades humanas, e não nas instruções das Escrituras. Nesse caso, os assuntos culturais, em vez das Escrituras, determinam e flexibilizam a teologia que será aplicada a certo grupo ou segmento (Nicholls, 1983). O desejo por justiça social não deve nos levar a esquecer a apresentação do evangelho. Vicedom (1996) afirma que somente um profundo conhecimento bíblico da natureza da igreja (Ef 1.23) capacitará missionários a ter atitudes enraizadas na *Missio Dei*, e não apenas na demanda da sociedade. A defesa de um evangelho integral e o desejo de transmitir uma mensagem contextualizada não devem ser pontes para o esquecimento dos fundamentos da teologia bíblica.

Vicedom (1996) nos apresenta um conjunto de cuidados teológicos para o processo da contextualização. Lembra-nos de que, se cremos que Deus é o autor da Palavra e o Criador que conhece e ama sua criação, devemos crer que o evangelho é dirigido a todo homem. A minimização da mensagem perante assuntos desconfortáveis, como poligamia, por exemplo, não coopera para a inserção do homem, em sua cultura, no Reino de Deus. Ao contrário, propõe um evangelho partido ao meio, enfraquecido, que cooperará com a formação de um grupo sincrético e disposto a tratar o restante da Escritura com os mesmos princípios de parcialidade. No afã de parecermos simpáticos ao mundo (como a Igreja em Atos 2), esquecemos que a mensagem bíblica confrontará as culturas, mostrará o pecado e clamará por transformação através do Cordeiro.

Hesselgrave (1984) também nos adverte do perigo de dicotomizarmos a mensagem, crendo na Palavra de forma integral para nós, mas apresentando-a parcialmente a outros. Ele nos ensina que o Evangelho é libertador mesmo nas nuances culturais mais desfavoráveis.

O liberalismo teológico de Kierkegaard, Bultmann e James, portanto, ameaça a compreensão bíblica da contextualização, uma vez que defende a apresentação de um evangelho que não transforma (pois toda mudança cultural seria negativa), não confronta (pois a verdade é individual e relativa) e não liberta (pois a liberdade proposta é apenas social). O evangelho bíblico e vivo, entretanto, transforma, confronta e liberta.